

## O Haiti é aqui

**Aluno: Paulo Renan de Souza Figueiredo**

A população acriana vivencia um processo instigante com a entrada dos haitianos em nosso território pela fronteira BOLPEBRA – Bolívia, Peru e Brasil. Em Rio Branco, lugar onde vivo, há grande número de haitianos que, com o terremoto de 7,0 graus na escala Richter, ocorrido em 2010, em Porto Príncipe, Capital de seu país, resolveram buscar melhores condições de vida no Brasil, país responsável pelas forças de segurança da ONU que intervêm em sua pátria.

Com a atenção do governo acriano à situação calamitosa dos haitianos, a fronteira foi liberada. A entrada e a forma de atendimento aos refugiados geraram divergência de opiniões por parte da população: Deve o Acre continuar dedicando esforços para acolher os haitianos, sendo ainda um Estado em desenvolvimento?

Determinada parte da população posiciona-se contra, inclusive o secretário adjunto de Direitos Humanos José Henrique Corinto, argumentando que os haitianos têm como foco o mercado de trabalho no Acre e em outras cidades como Cuiabá, Manaus e Porto Velho, além de regiões promissoras como o Centro-Sul.

Alguns haitianos vieram pensando em ganhar dinheiro e, em seguida, retornar a sua terra natal. Entretanto, sem documentos para comprovar escolaridade, alguns se depararam com métodos de contratação racista, em que, segundo um representante de uma empresa, “trabalhador bom é aquele que tem canela fina. Não vamos contratar quem tem panturrilha grossa porque é preguiçoso”. Por atos como esse, atrelados aos baixos salários oferecidos, muitos viram seu sonho cair por terra. É um absurdo! Em pleno século XXI, o Brasil, ainda tem cidadãos que cultivam práticas racistas do tempo da escravidão.

O Governo Federal forneceu cerca de R\$ 2 milhões ao Estado do Acre, a fim de que fossem utilizados para alimentação e moradia do grupo de refugiados. Além desta quantia, o governo autorizou a emissão de 4 mil vistos de trabalho aos haitianos em solo acriano e aos outros que estariam por vir.

Alguns acrianos acreditam que o dinheiro deveria ter sido aplicado em infraestrutura nos bairros riobranquenses, em vez de ser destinado a suprir as necessidades dos haitianos. Afinal, ao mesmo tempo em que o Acre recebia de braços abertos os estrangeiros, os moradores da Capital acriana passavam por uma grande calamidade, a maior alagação de todos os tempos ocorrida com o transbordamento do Rio Acre - 25% de nossa cidade ficou debaixo d’água.

A imigração de haitianos é uma questão que deve ser analisada não apenas sob o prisma local, ela tem projeções internacionais. Até que ponto se recusar a prestar ajuda humanitária não constitui demonstração de xenofobia? Sabemos que a aversão ao “estrangeiro” é uma realidade entre os povos: países fazem da xenofobia um comportamento comum.

Para nós, acrianos, a presença de haitianos em nosso território representa a chance de demonstrar ao restante do Brasil toda a hospitalidade que é marca registrada de nosso povo. Somos o único Estado da federação que lutou para ser brasileiro, escrevendo com o sangue de “seringueiros revolucionários” uma das mais belas páginas da história de nossa nação.

Sou plenamente a favor da entrada de haitianos no Brasil. Defendo veementemente que é função nossa, neste momento de calamidade, prestar ajuda humanitária a quem dela necessita. Para os imigrantes, a possibilidade de um trabalho seria uma forma de garantir a própria sobrevivência e enviar ajuda à família.

Diante da singular situação que se apresenta, penso que acolher os estrangeiros é a atitude mais coerente porque nós, acrianos, sabemos bem como é nos sentir “estrangeiros em nossa própria nação”. Vez por outra, ao acessar páginas de relacionamento na internet ou viajar para outros lugares do Brasil, ouvimos a célebre pergunta: “O Acre existe”? Seria essa uma excelente oportunidade de mostrar que “existimos, sim” e que reconhecemos que, acima de rivalidades motivadas pela não aceitação do “diferente”, estão valores como a solidariedade e a cooperação entre os povos. Assim, veremos um país devastado pelo terremoto, se reerguer, gerando um efeito em cadeia. Aceitando-os aqui no Brasil, poderíamos ultrapassar as fronteiras e trocar uma atitude xenofóbica por um ato de solidariedade humana.